



**PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS COM FOTOGRAFIA:
EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR**

**EDUCOMUNICATIVE PRACTICES WITH PHOTOGRAPHY:
EXPERIENCES IN SCHOOL SPACE**

Matheus José Pessoa de Andrade¹
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência que foi feita no *Projeto de Extensão Jovens fotógrafos: oficinas de fotografia para alunos do ensino fundamental e do médio*, realizado no ano de 2012, por meio do Programa de Bolsas de Extensão da Universidade Federal de Campina Grande, em três escolas municipais dessa cidade. Os resultados indicaram que as práticas educ comunicativas com fotografia como forma didática podem fazer os discentes se expressarem sobre o ambiente escolar.

Palavras-chave: Educomunicação. Fotografia. Ambiente escolar.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se inicia tem como objetivo principal relatar minhas experiências vivenciadas no projeto de extensão intitulado *Jovens Fotógrafos: oficinas de fotografia para alunos do ensino fundamental e do médio*, elaborado e executado em 2012, quando integrei o corpo docente do Curso de Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande.

Impulsionado pela criação e pelo desenvolvimento da área em questão, desenvolvi práticas educ comunicativas com fotografia, nas escolas municipais da cidade de Campina Grande, com o intuito de criar uma práxis para fortalecer a área que ali se iniciava em nível de graduação.

¹ Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, na área de Direção de Fotografia em Cinema e Audiovisual; doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB. E-mail: theujp@hotmail.com



Passo a passo, o trabalho galgou duas etapas: na primeira, a reflexiva, o intuito foi o de pensar em meios pedagógicos mais eficientes para a proposta; e a segunda, a da prática, consistiu em aplicar as oficinas em turmas diversificadas. Por fim, as fotos feitas pelos discentes tornaram-se os dados oriundos das práticas educacionais que provoqueei.

2 A ÁREA DE EDUCOMUNICAÇÃO

A expressão do título, em geral, insinua, de imediato, uma junção entre as áreas de Educação e Comunicação nessa ordem. De fato, busca representar uma diversidade de experiências de caráter híbrido, existentes ao longo do desenvolvimento das mídias no Brasil, vigentes de modo disperso. Um exemplo clássico disso está no imaginário criado pelo cinema norte-americano, ao mostrar cenas de jornais escolares com estudantes procurando pautas dentro da escola, fazendo matérias e causando grandes discussões naqueles ambientes.

A Educomunicação tem como preceito potencializar o funcionamento dessas práticas com o fortalecimento de *ecossistemas comunicacionais*, principalmente no ambiente escolar, por meio de agentes especializados, os chamados educadores (SOARES, 2011). A área de atuação mapeada pela Educomunicação abrange alguns caminhos, a saber: educação para a comunicação; expressão comunicativa pelas artes; gestão da comunicação nos espaços educativos; pedagogia da comunicação; mediação tecnológica; reflexão epistemológica e produção midiática.

Baseada nos pressupostos do respeito à *autonomia* dos educandos (FREIRE, 1996), a Educomunicação se põe a exercer práticas libertadoras cujo espaço escolar também seja falado por seus integrantes, com suas vivências individuais e suas sociabilidades naquele ambiente, na perspectiva de dar voz e vez a alunos e alunas.

Escolhi promover educomunicação usando a fotografia, amparado pelas ideias de expressão pela arte e produção midiática da área. Afinal, a fotografia pode ser considerada tanto como arte, quanto como mídia. Trata-se de uma atividade que envolve criatividade e sensibilidade, além de princípios técnicos e reflexivos de comunicação. Nesse contexto, ela é uma atividade altamente disseminada pelas tecnologias digitais.



No Brasil, desde os anos 1970, o ensino das artes foi incorporado ao currículo escolar. A arte é compreendida como uma importante ferramenta para o ensino, pois, através dela, trabalham-se processos de desenvolvimento pessoal, sensitivo e criativo, por meio dos quais passamos a nos conhecer muito melhor e desenvolver habilidades racionais e emotivas peculiares, importantes também para melhorar o desempenho em outras profissões. Contudo, ao longo das décadas seguintes, houve dificuldades para aplicar a arte nas escolas, devido a uma série de fatores atestados, como: a falta de amparo, a forma como a disciplina era tratada ou, até, ineficiência profissional ou falta de formação e reflexão na área (BARBOSA, 1975).

Tendo em vista algumas lacunas, a arte passa a ser ensinada em diversas outras instâncias, como escolas especializadas, ateliers, encontros, museus, ou com outros mecanismos, como ONGs, pontos de cultura, associações comunitárias etc. De tal modo, o papel vivenciado pela arte-educação não deixa de ser uma experiência norteadora.

A Educomunicação tomou corpo como uma área legitimada a partir do final da década de 1990, com os trabalhos do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP² e com a criação da linha de pesquisa no Programa de Pós-graduação de Ciência da Comunicação, na ECA-USP. Assim se institucionalizaram as práticas educacionais já existentes de maneira alternativa. Na primeira década do Século XXI, com a popularização da internet, uma série de práticas foi facilmente identificada por sua repercussão, como: blogs, twitter, canais no Youtube, entre outros, por meio dos quais os alunos discutiam sobre os ambientes escolares em que se inseriam como forma de participar desses espaços.

Programas federais como *Mais Cultura*³ e *Mais Educação*⁴, criados em 2007 pelo Governo do PT, impulsionaram a inserção de práticas educacionais no ambiente escolar como uma atividade legítima e institucional, fruto de uma política

² Para conhecer mais sobre o trabalho do NCE, acesse o portal <http://www.usp.br/nce/> e confira.

³ O site <http://www.cultura.gov.br/mais-cultura> disponibiliza informações a respeito do projeto, desde a criação.

⁴ O portal do MEC disponibiliza, através do endereço <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>, informações sobre o programa. Na página, inclusive, encontramos a expressão 'Educomunicação' entre as atividades de desenvolvimento.



ciente da necessidade básica da cultura e da mídia como conteúdo de desenvolvimento educacional e crescimento do país.

Depois de uma década de reflexão, foram criados os primeiros Cursos de Graduação em Educomunicação no Brasil - na USP e na UFCG, em 2011, selando o reconhecimento do campo. Dessa feita, acreditei na missão de criar um projeto de práticas educacionais com fotografia. Para isso, adentrei o espaço escolar por meio do Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) da UFCG, em parceria com escolas municipais da cidade de Campina Grande.

3 ELABORAÇÃO DA OFICINA DE FOTOGRAFIA

Para elaborar as oficinas de fotografia, busquei subsídio na relação entre a Educomunicação e a Arte-educação, empregando as práticas já existentes, com o fim de, através da câmera fotográfica, educar os alunos aos moldes da *autonomia* no espaço escolar experimentado por eles. Para isso, não cogitei em ministrar aulas sobre técnicas de fotografia, partindo do pressuposto de que, em tempos de câmeras portáteis, todo mundo já teve a experiência de fotografar. Meu foco consistiu em *agir* no espaço escolar, através da câmera, privilegiando o olhar dos alunos sobre o universo em que estudam e suas vivências e, por conseguinte, oferecer dicas sobre o universo técnico da fotografia.

Uma referência norteadora de prática educacional foi o projeto *Cinemação*, desenvolvido no estado da Bahia, através da Secretaria de Educação⁵, o qual inseriu a produção audiovisual como atividade educacional em escolas públicas. Em síntese, os alunos gravaram vídeos de vários gêneros sobre o ambiente escolar deles, utilizando câmera de celular.

Outra referência foi o trabalho da artista plástica paulistana Cláudia Colagrande e sua experiência no ensino de pintura para crianças e professores. Com suas oficinas, ela propõe a “metodologia espiral na Arte-educação, que se refere aos níveis de desenvolvimento vindos de dentro para fora, formando um espiral contínuo: 1)

⁵ A Secretaria de Educação do estado tem, nesse contexto, uma coordenação de Educomunicação diretamente articulada com o NCE da USP.

sensibilização; 2) motivação; 3) fazer artístico; 4) contemplação; 5) análise da obra” (COLAGRANDE, 2010, p.64).

De modo articulado, adaptei o método espiral para aplicar com a fotografia. Para isso, escolhi temas relacionados ao ato fotográfico, como: o olhar fotográfico, a memória, as formas geométricas, a luz e o autorretrato. Os temas eram aplicados ao ambiente escolar. Por exemplo, a oficina sobre memória foi feita da seguinte maneira: começou com a *sensibilização*, com o poema *Memória*, de Carlos Drummond de Andrade; depois, o grupo fez uma leitura conjunta e, logo em seguida, guardou os textos na tentativa de alguém repetir o poema decorado. Normalmente ninguém conseguia. Com o gesto de esquecimento, os discentes dialogaram sobre a memória e a fotografia e falaram dos álbuns de família e da recordação. A *motivação* se dá com fotos antigas da cidade de Campina Grande, nas quais eles reconheciam sua cidade. Então, com as câmeras em mãos, eles foram convidados ao *fazer artístico*, isto é, a fotografar a escola, na perspectiva de registrar o que gostariam de lembrar no futuro. Depois de fazer os registros, as fotos foram triadas e exibidas em sala, com datashow, para a *contemplação* do grupo e comentários, tanto de quem registrou, quanto dos leitores daquelas imagens. Como um tipo de *análise das obras*.

Na última etapa, quando alguém aparentava curiosidade pelas questões técnicas diante das imagens, visando melhorar as fotos, era cabível explicar as questões técnicas com a câmera em mãos. E assim, seguiram-se as oficinas propostas, que duravam, em média, 50 minutos, conforme os padrões escolares. Eram ministradas em sala de aula e no pátio da escola. Como meta do projeto de extensão, nossa proposta foi pensada para realizar as oficinas com alunos e alunas de 10 a 15 anos, inicialmente, em escolas públicas. Assim, conseguimos parceria com três escolas municipais da cidade de Campina Grande, onde desenvolvemos nosso projeto.

4 REALIZAÇÃO DAS OFICINAS

A parceria para realizar o projeto foi estabelecida com três escolas. Entretanto, para relatar o que aqui se faz, não especificarei cada uma das escolas, porquanto as

oficinas foram aplicadas pelos bolsistas⁶ do projeto, Thayse Nadilly de Andrade Soares e Ênio José Marques da Silva. Em média, foram quatro encontros (com um mês de duração) com turmas de turnos opostos: os alunos da manhã participariam da oficina à tarde, por exemplo.

Em geral, embora o projeto tenha sido aceito com tão pouco esforço, as escolas não conseguiram subsidiar de forma tão comprometida o projeto. Não apenas por causa das dificuldades estruturais, mas também por fazer daquela atividade algo menor do que as outras atividades escolares. Essa tradição já era vivenciada pela área de Educação Artística. Assim, o maior desafio era a descontinuidade dos alunos, visto que, nas últimas oficinas, por exemplo, houve aluno participando pela primeira vez. Assim, ao longo do processo, adaptei as oficinas para funcionarem sem continuidade, isto é, depender do conteúdo da anterior.

O projeto durou em torno de um trimestre nas escolas, por meio do processo de seleção dos discentes, cujos critérios de seleção foram estabelecidos, às vezes, pela própria escola, nesse caso, a média escolar. A duração também se deu pelo fato de, sido, algumas vezes, a atividade ter sido cancelada. Contudo, foram aplicados os cinco modelos de oficina somando as instituições.

A oficina sobre *o olhar fotográfico* previa um encontro de introdução com os alunos, que continha uma ideia de que fotografar é recortar partes do mundo. Nela, eles faziam a própria câmera a partir de um desenho e eram estimulados a observar a escola através do visor de suas câmeras, antes de fotografar.



⁶ Considerando a data em que este texto foi produzido, os alunos referidos já são formados no Curso de Educomunicação.

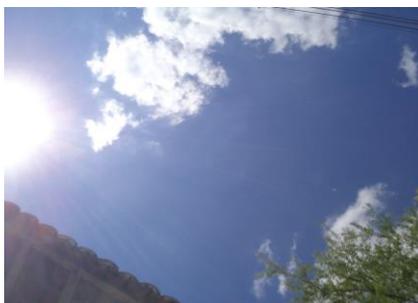
Na oficina de *memória*, constatamos que seria preciso registrar os espaços escolares de que eles mais gostavam, além das relações pessoais e as sensações para registrar as imagens. Então, eles se fotografavam em subgrupos, nos lugares onde mais gostavam de ficar no intervalo ou mostravam seus lugares prediletos. Eles eram estimulados a registrar o que havia naquele ambiente que não queriam esquecer.



Na oficina sobre *formas geométricas*, trabalhamos com a ideia de harmonia das coisas e, por tabela, de enquadramento. Assim, foram mostradas fotografias e pinturas com as formas geométricas em seus enquadramentos. Em seguida, os alunos foram instigados a encontrar as formas geométricas nos objetos que havia na escola.



A proposta sobre *luz* consistia em fazer com que eles entendessem um pouco mais sobre a escrita fotográfica, com base em como as coisas são iluminadas. O desafio era de prestar atenção na luz da escola, isto é, observar a posição do sol e perceber como as sombras estavam predispostas naquele horário. Ao contemplar as imagens, havia uma curiosidade conjunta sobre o estouro de luz nas fotos e o motivo de as fotos feitas à noite ficarem borradas ou granuladas.



O *autorretrato* estabelece uma compressão sobre como nós posamos para as fotos, sobre a força do dispositivo fotográfico, ao mesmo tempo em que fazemos uma forma de leitura afetiva das imagens. Nesse contexto, usaram espelhos para falar de si mesmos na sensibilização e foram motivados a registrar seus reflexos nas coisas da escola, como no caso do bebedouro. Muitos buscavam extrapolar as possibilidades com o espelho.



No conjunto das fotos realizadas, constatamos que os discentes aprimoraram sua percepção sobre o ambiente escolar, a partir da feitura das imagens fotográficas dentro de cada oficina, e, sobretudo, reconheceram as imagens em seu cotidiano no colégio, ressaltando o fortalecimento de um ecossistema de comunicação ali contido. Alguns alunos ficaram estimulados para seguir na atividade fotográfica, inclusive como atividade profissional. Por fim, cada escola sugeriu que fizéssemos uma exposição. Porém, esse não era nosso objetivo, e as instituições não fornecerem os aparatos necessários para isso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados desta pesquisa, podemos afirmar que o modelo de oficina de fotografia desenvolvido no projeto obteve resultados positivos. Para



aprimorar o trabalho e fazê-lo avançar, talvez fosse interessante compartilhar essa experiência com professores de escolas de ensino fundamental e médio, na perspectiva de formar multiplicadores do processo. Além disso, esse conteúdo poderá ser um guia de apoio para o desenvolvimento de práticas educacionais de fotografia com os mais diversos públicos.

ABSTRACT

This work reports an experience that was made in the Extension Project Young photographers: photography workshops for elementary and middle school students, held in the year 2012, through the Extension Scholarship Program of the Federal University of Campina Grande, in three municipal schools in that city. The results indicated that educational practices with photography as didactic form can make the students express themselves on the school environment.

Palavras-chave: Educomunicação; Photography; School environment.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- COLAGRANDE, Cláudia. *Arteterapia na prática: diálogos com a arte-educação*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 23ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.